

OBSERVA ARQURB TERE

## ENTRE O LÚDICO E O POLÍTICO: ÉTICA E PARTICIPAÇÃO INFANTOJUVENIL NO DESENHO DAS CIDADES

*Rafael Ferreira Diniz Gomes \**

A cidade é um corpo vivo. Respira entre muros, suspira nas esquinas, se cansa nos engarrafamentos e sonha nos bancos de praça. É nela que a vida se encontra — ou ao menos, deveria se encontrar. Nas suas calçadas gastas pelo tempo, nas janelas abertas, nas vozes que se cruzam e se perdem no ruído das horas, mora a promessa de convivência. Mas basta um olhar mais demorado para perceber que algo se desfez nesse tecido. As ruas seguem cheias, mas o olhar se rarefez. Caminhamos lado a lado e, ainda assim, tão distantes. A pressa virou hábito, o silêncio virou defesa. O gesto de parar, conversar, escutar, foi engolido por um cotidiano que pouco se permite sentir. As cidades, outrora feitas de encontros, parecem agora erguer muros invisíveis — não apenas de concreto, mas de indiferença. Vivemos tempos de passividade, em que o espaço público já não acolhe o corpo nem a palavra. Onde antes havia o riso partilhado, resta o passo apressado. Onde havia o olhar curioso, reina o reflexo frio das vitrines.

E então, em meio a tanto ruído, ecoa uma pergunta antiga e urgente: para onde caminham as relações humanas neste novo século urbano? Qual é, afinal, a função ética da arquitetura e do urbanismo, senão devolver ao espaço o sentido do humano? Pensar a cidade é reaprender a andar por ela — não com o corpo apenas, mas com o pensamento e o afeto. É redescobrir o prazer de uma sombra, o valor de uma pausa, a leveza de uma conversa ao acaso. É permitir que o chão nos conte histórias e que as fachadas nos olhem de volta. Para isso, é preciso que a cidade se abra, se torne acessível, inclusiva, generosa. Que as ruas possam ser percorridas por todos; que o transporte público seja mais que deslocamento, mas também convivência; que a arquitetura desenhe pontes e não fronteiras.

E talvez, para reencontrar sua alma, a cidade precise ouvir aqueles que ainda a olham com espanto: as crianças e os jovens. São eles que percebem o mundo não como território consolidado, mas como convite ao jogo, à invenção. No entanto, o planejamento urbano é papo de adulto — sério, técnico, apressado. Esquece que a cidade também é brincadeira, descoberta, corpo em movimento. Ao reconhecermos as experiências das infâncias no espaço público, suas leituras espontâneas da paisagem, suas expectativas e invenções, abrimos

frestas por onde o urbanismo pode respirar novamente. Quando compartilhamos suas interpretações sobre a cidade, combatemos o desenho excludente que privilegia poucos e silencia muitos. Para nós, arquitetos e urbanistas, o desafio é grande: repensar práticas que tantas vezes foram individualistas, centralizadoras e omissas diante das urgências coletivas. É hora de substituir o ego pelo comum, o gesto técnico pelo gesto ético.

Os desenhos infantis que narram o caminho entre casa e escola, as palavras simples que descrevem o que lhes encanta e o que lhes assusta, são mais que registros: são mapas de sensibilidade. Revelam o quanto é vital escutar essas vozes na hora de planejar, decidir, intervir. A cidade vista pelas infâncias é mais humana, mais múltipla, menos contaminada por preconceitos. É nesse olhar limpo que se renova a ética do nosso ofício — uma ética que não projeta apenas espaços, mas possibilidades de encontro.



Figura 1: Desenho de um estudante da E.M. Antônio Santiago (Agréios, Teresópolis-RJ) sobre o percurso casa e escola.

Fonte: Mapeamento Afetivo de Teresópolis, 2025.

Integrar a perspectiva das juventudes, por sua vez, é mergulhar na cidade que pulsa nas bordas — intensa, irreverente, crítica. São esses jovens que transformam vielas em territórios de criação, becos em salas de aula abertas, esquinas em arenas de convivência. Quando o planejamento urbano os reconhece, surgem cidades mais vibrantes, com calçadas seguras, ciclovias ativas, espaços públicos que reduzem a indiferença e ampliam a sociabilidade. Cidades que não temem o imprevisto, que aprendem com a favela, que acolhem o gesto livre.

Crianças e jovens, oriundos de tantos contextos sociais, ampliam o olhar sobre a diversidade urbana. Sua participação não é concessão — é direito, e mais do



Fundação Educacional Serra dos Órgãos  
Centro Universitário Serra dos Órgãos  
Direção Acadêmica das Ciências Humanas e Tecnológicas  
Coordenação do Curso de Graduação em Arquitetura e  
Urbanismo

que isso, é dever ético e educativo. Envolver as novas gerações nos processos de construção da cidade é transformar o próprio ato de aprender: o espaço urbano torna-se extensão da sala de aula, e a experiência cotidiana, uma forma de conhecimento. Projetos de urbanismo participativo integrados às escolas fazem da Educação Urbanística e Ambiental uma prática viva, onde teoria e realidade caminham de mãos dadas pelas ruas.

A ética em arquitetura e urbanismo, quando se abre ao diálogo com as infâncias e juventudes, precisa abandonar a rigidez e abraçar a escuta. Reconhecer essas vozes nas decisões políticas e espaciais não é apenas cumprir uma obrigação moral — é criar cidades mais justas, equitativas e sustentáveis, menos reféns das narrativas hegemônicas que marginalizam a diversidade. Talvez seja esse o verdadeiro sentido da nossa profissão: compreender que projetar não é apenas erguer paredes, mas abrir horizontes. A cidade que escuta suas crianças e jovens aprende a conversar novamente — com seus habitantes, com o tempo, com o futuro. Porque o urbano só se humaniza quando acolhe o que há de mais simples e essencial: o direito de todos sonharem o mesmo chão.



Fundação Educacional Serra dos Órgãos  
Centro Universitário Serra dos Órgãos  
Direção Acadêmica das Ciências Humanas e Tecnológicas  
Coordenação do Curso de Graduação em Arquitetura e  
Urbanismo

---

\* *Rafael Ferreira Diniz Gomes* é Arquiteto e Urbanista, Doutor e Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ-FAU/ UFRJ. Professor Adjunto no Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO. Pesquisador do Grupo Ambiente-Educação (GAE) e Coordenador da pesquisa intitulada "Terê na rede das práticas pedagógicas urbanas: contribuições das infâncias e juventudes para ampliação do conceito Ambiente-Educação ao Território Educativo em Teresópolis-RJ". E-mail: [rafaeldiniz@unifeso.edu.br](mailto:rafaeldiniz@unifeso.edu.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9016919487260149>